

A NOÇÃO DE ROSTO EM EMMANUEL LÉVINAS

THE CONCEPT OF FACE IN OF EMMANUEL LÉVINAS

Rubens Machado¹
Matêus Ramos Cardoso²

RESUMO: Lévinas argumenta que existem realidades que escapam ao poder totalizante da razão e seu poder constituinte. É o caso, por exemplo, do rosto do outro homem. O rosto adquire, assim, um lugar central no nosso autor, pois, é o lugar mesmo da verdade; verdade esta não mais teórica, mas verdade ética, ou metafísica, já que o rosto não se presta a objetivação, seja do desvelamento, seja da adequação. Esta verdade ética se torna possível se tomarmos em consideração que o rosto é a expressão da singularidade, do indivíduo, único a existir; singularidade esta que se torna possível se a considerarmos como separada da totalidade.

Palavras-Chave: Lévinas, razão, rosto, verdade, singularidade, totalidade.

ABSTRACT: Lévinas argues that there are realities that escape the totalizing power of reason and its constituent power. This is the case, for example, the face of the other man. The face acquires a central place in our author, therefore, it is the very place of truth; this fact no longer theoretical but ethical truth, metaphysical or as the face does not lend itself to objectification, is the unveiling is appropriateness. This ethic is possible true if we take into account that the face is the expression of the uniqueness of the individual, only to exist; this uniqueness that it is possible to consider as a separate totality.

Key-words: Lévinas, reason, face, singularity, totality, uniqueness.

INTRODUÇÃO

Emmanuel Lévinas nasceu em Kovno, Lituânia em 1906. Em 1923 vai para a França estudar Filosofia em Estrasburgo e conhece Maurice Blanchot, que será seu amigo. Nos anos de 1928 e 1929 vai para Friburgo estudar com Husserl. Assiste ao seminário de Heidegger e participa do famoso encontro de Davos entre Heidegger e Cassirer sobre Kant. Em 1930, com apenas 24 anos, publica sua tese de doutorado: *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Com este trabalho Lévinas adere à Fenomenologia e introduz esta na França. A filosofia, desde sua origem – supostamente na Grécia – recebe de Lévinas uma interpretação aguda. Por vezes feroz. A ideia de universalidade em que o formalismo é a sua maior expressão é combatida por nosso autor porque essa universalidade apagou da cena a concretude do ente humano na sua singularidade – a

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria-RS. Professor de Filosofia e Sociologia na Escola Estadual de Ensino Médio Visconde de Mauá, Butiá-RS. E-mail: rubensfilo@hotmail.com

²Especialista em Ética pela Finon - Faculdade do Noroeste de Minas-MG. Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes-RJ. E-mail teus33@yahoo.com.br

insistência na singularidade rendeu à filosofia de Lévinas o título de empirismo; porém, ele também descreve uma universalidade: é o rosto do outro homem, que não é da ordem empírica –; singularidade esta que pode ser verificada no amor e também no ódio, no nome e no apelido. Afinal, a quem amamos? Um universal? – “l’amore dà accesso all’unicità. L’individuo único è amato” (LÉVINAS; RICCEUR, 1998, p. 78) – A quem odiamos? Um universal? A quem estendemos a mão... Quem nos estende a mão quando estendemos ou quando nos é estendida? Numa palavra: um conceito – universal abstrato? A quem perdoamos quando perdoamos? A quem culpamos quando culpamos? É este *quem (qui)* mais do que o *quê (quoi)* ou o *como (comme)* – Lévinas não faz uma filosofia do método, apenas se utiliza de um método para fazer filosofia; método este que é a fenomenologia – que interessa a Lévinas, ainda que a sua filosofia tenha encontrado na fenomenologia objeto e método; objeto que se viu depois não se tratar de um objeto, porém, o *sujeito* ou *subjetividade*. E por isso a sua filosofia é chamada de ética; afinal, acaso um conceito morre ou mata? Comportamo-nos com conceitos quando operamos no dito, contudo nos comportamos com pessoas quando operamos no dizer. Se a diferença entre ser e ente é a diferença ontológica, a diferença entre dizer e dito é a diferença ética, ou a não.

A filosofia de Lévinas se caracteriza por um diálogo constante com a tradição. Porém, este diálogo é marcado por uma tensão, por uma tentativa de superação de uma filosofia que, nas suas palavras, é dominada por um clima ontológico. Este clima é expresso na noção de saber, conhecimento, tematização. Talvez Lévinas não tenha defendido senão uma única tese: a necessidade de sair do ser, da ontologia que também é chamada por ele de guerra. Lévinas anuncia a sua filosofia comprometida com a hospitalidade, com o acolhimento do Outro. Contudo, não se trata de boa vontade. O Outro enquanto Outro, expressão consagrada por Lévinas – em oposição ao ser enquanto ser –, resiste aos poderes de uma filosofia totalizante; não se trata de opção ideológica ou de preferência pessoal. O que ocorre é que Outrem não é afeito a uma abordagem teórica; Outrem não é objeto; a presença do Outro “é sua exigência ética” (SOUZA, 2004, p. 175).

A vida interior, cuja expressão é o rosto ou a palavra do Outro só pode ser acolhida, recebida; não compete ao Eu descrever esta vida interior cujo modo de ser consiste precisamente em não se deixar desvelar: a sua verdade é o seu ocultamento, seu velamento ao ser descobridor. Este é o ponto de ruptura com a filosofia do Todo e o ponto problemático da filosofia de Lévinas que quer ser filosofia da pluralidade. O conceito de plural se levado às últimas consequências nos conduz à *ideia de Infinito*; ou melhor, é a *ideia de Infinito em nós* que nos conduz à filosofia plural porque o Outro, na

epifania do seu rosto, escapa a todo instante aos poderes objetivantes do Mesmo, ao conceito, à definição que seria seu fim como Outro. Nesta pesquisa, propomos-nos, tendo como fio condutor da pesquisa a noção de rosto e apresentar o conceito de *separação* (*séparation*), pois, “sem separação, nos diz Lévinas, não teria havido verdade, apenas teria havido ser” (LÉVINAS, 1980, p. 48).

ROSTO E ENIGMA

A noção de rosto na filosofia de Lévinas aparece após um período de maturação; não se trata, portanto, de uma teleologia, que o conduziria a formulação da ética como filosofia primeira ou escatologia ou consciência moral. Dizemos isso porque algumas características que identificamos nessa noção já se apresentam nos seus primeiros textos e até mesmo na sua obra *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*, de 1930³. Como Lévinas mesmo nos adverte, não é nessa obra o lugar para uma crítica mais sistemática a algumas posições da filosofia de seu mestre. Porém, encontramos indicações de quando e onde Lévinas se afasta de seu mestre e por quê. Nesse sentido, o que mais incomoda Lévinas na obra de Husserl é o que ele chama intelectualismo:

Em sua filosofia (e aqui é onde nos separamos de sua proposta), o conhecimento e a representação não são modos de vida no mesmo grau que os outros; tampouco são um modo secundário. A teoria e a representação jogam um papel preponderante na vida; servem de base a toda a vida consciente, são a forma de intencionalidade que assegura o fundamento de todas as demais (LÉVINAS, 2004, p. 81).

Aqui Lévinas apresenta não só os pontos discordantes do seu pensamento com o do seu mestre Husserl como também aponta o rumo que pretende dar ao seu. Os modos de vida que Lévinas vai dar ênfase dizem respeito à volição, ao sentimento, à ética, modos de vida que não são conhecimento, ou outro modo de conhecimento. O que nosso autor não aceita em Husserl é que esses modos de vida têm seu fundamento na intencionalidade teórica e na representação. No entanto nosso autor encontra, ainda em Husserl, o que ele chama “*intencionalidade axiológica*”, irreduzível ao conhecimento e que pode ser buscada na relação com o Outro e que se constitui como que o norte da sua obra, pois o mundo e sua constituição não é o domínio das meditações de Lévinas e sim o homem e seu destino. A obra *Totalidade e Infinito* é considerada a primeira grande obra de Lévinas e é

³ Para esta dissertação utilizaremos: LEVINAS, Emmanuel. *La teoría fenomenológica de la intuición*. Tradução Tania Checchi, Salamanca, Ediciones Sígueme, 2004.

exatamente nesta obra onde o tema do rosto tem um destaque central. Se a verdade mantém algum nexos com o discurso, então o rosto é o lugar mesmo da verdade, pois, para Lévinas, o rosto fala, é significação. É mais: é significação sem contexto “O rosto é significação, e significação sem contexto. Ele é o que não se pode transformar num conteúdo, que o nosso pensamento abarcaria; é o incontível, leva-nos além” (LÉVINAS, 1982, p. 78); o rosto significa a partir de si mesmo “a sua significação precede *Sinngebung*” (LÉVINAS, 1980, p. 240, grifo do autor); significação sem signo e, nesse sentido, é a condição mesma da verdade.

A noção de rosto em nosso autor não é tal que não careça de maiores esclarecimentos. Pelo contrário. Encontramo-nos em apuros aqui. Do que Lévinas quer nos falar através dessa noção? Uma primeira interpretação indicaria a intenção de constituir sua ética; por outro lado, Lévinas mesmo diz, ele busca o *sentido*: “A minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas encontrar-lhe o sentido” (LÉVINAS, 1982, p. 82). Portanto, a noção de rosto entendida como abertura para o Infinito seria o lugar mesmo dessa intenção ética. Porém, convém antecipar, não temos a pretensão de resolver essa questão, mas tão somente procurar elucidar ou quem sabe apontar alguma possibilidade de leitura. O estudioso levinasiano David Sebbah considera essa noção como aquela que designa “o aspecto mais genuíno e a intensidade do pensamento levinasiano, o ponto em que se comprime, de forma tensionada, toda a extensão do que é pensado por ele” (SEBBAH, 2009, p. 43).

Isso porque, o rosto de Outrem trás sempre uma novidade, algo não pensado (ainda). Convém lembrar que o desconhecido vem de fora, é exterior, estrangeiro e me trás algo que eu não possuía. Pode ser um ensinamento; precisamente de seu rosto. Contudo, devemos atentar para esse *encontro* entre Eu (Mesmo), em minha casa, no meu trabalho e esse Outro (rosto) que toca à minha campainha. Como poderíamos descrever esse encontro? Lévinas o chama *frente a frente (face-à-face)*, ou ainda “*relação ética*” (LÉVINAS, 2012, p. 71) que “*dirige-se ao ser na sua exterioridade absoluta e cumpre a própria intenção que anima a caminhada para a verdade (...) este “dizer a Outrem” – esta relação com Outrem como interlocutor, esta relação com um ente – precede toda a ontologia, é a relação última no ser. A ontologia supõe a metafísica*” (LÉVINAS, 1980, p. 34-35, grifos do autor):

Para Levinas face a face é a linguagem, é o primordial, é a experiência originária do inter-humano, quer dizer, do humano: *a posteriori* na função

a priori. Experiência originária. Esta experiência que Levinas repete, demasiadamente seria a proximidade ética com o Outro, de nudez sem máscara. Neste sentido, <La morale n'est pas une branche de la philosophie, mas la philosophie première>".⁴

Convém, aqui, ressaltar o seguinte: a relação frente a frente se dá entre singulares, entre entes, pois, Lévinas não faz uma filosofia teórica onde o sujeito permanece em si; na relação frente a frente, ou justiça, há questão e resposta e por isso é chamada relação ética. É verdade que o Mesmo carrega todo o peso da ontologia: “O homem inteiro é ontologia” (LÉVINAS, 2009, p. 22), porém “a relação com outrem não é ontologia” (LÉVINAS, 2009, p. 29). “A relação com o rosto, acontecimento da coletividade – a palavra- é relação com o próprio ente, enquanto puro ente. (...) O ente como tal (e não como encarnação do ser universal) é o homem (...) enquanto rosto.” (LÉVINAS, 2009, p. 32).

A experiência do rosto é a única experiência que permite ao sujeito sair de si mesmo e da totalidade, pois o rosto é inquietude. É a possibilidade para o homem poder ser ensinado, de receber um ensinamento do exterior. O rosto remete para uma verdade mais antiga do que a ontologia, a um passado que nunca foi presente: “O rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo. Neste sentido, não poderá ser compreendido, isto é, englobado. Nem visto, nem tocado- porque na sensação visual ou tátil, a identidade do eu implica a alteridade do objeto que precisamente se torna conteúdo” (LÉVINAS, 1980, p. 173). O rosto, portanto, é outro de uma alteridade absoluta não pertencendo à comunidade do gênero ou das espécies; ele não se presta ao conhecimento – “o rosto não é do mundo” ele “rasga o sensível” (LÉVINAS, 1980, p. 177). O saber enquanto sincronização de toda alteridade num presente (no ser, no é), na presença (passado e futuro são reunidos num presente eterno e total e, portanto, finito) esquece a alteridade do rosto enquanto ensino e questionamento. Outrem é o mestre que fala e a quem escutamos. Nesse sentido, nos diz Lévinas: “O ensino é uma maneira para a verdade se produzir de forma que não seja obra minha, que eu não a possa manter a partir da minha interioridade” (LÉVINAS, 1980, p. 275). A verdade, nesse sentido, me vem de fora, de Outrem, em dois sentidos, enquanto o Mestre e que me trás ensinamento e como tal é condição da verdade e enquanto verdade mesma, como o que excede, ultrapassa e escapa a

⁴ GRZIBOWSKI, Silvestre. *Transcendência e ética. Um estudo a partir de Emmanuel Levinas*. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 56, grifo do autor. Consoante às palavras de Grzibowski encontramos em Kovac (KOVAC, 1993, p. 185) uma interpretação importante da relação ao rosto de Outrem. Segundo Kovac Levinas encontra no rosto de Outrem o próprio começo (*commencement/archê*) da filosofia como ética. A possibilidade de pensar esta exterioridade do pensamento pelo encontro do rosto de Outrem. A relação frente a frente como evento inaugural da filosofia também é destacado por Petitdemange (1993, p. 338) quando a considera l'intelligible premier.

toda determinação, a toda ordenação à ordem do ser, daquilo que é. A verdade do rosto é da ordem da resistência ética aos poderes do Mesmo. Tais reflexões, nos diz Souza

acabam por conduzir à possibilidade de uma concepção diferente de verdade. Não a verdade como adequação do intelecto e da coisa, também não no sentido de *A-létheia*: a verdade em sentido ético é a irreduzível *inadaequatio rei* (a Alteridade do Outro) *et intellectus* (a dinâmica da Totalidade). *A verdade é o desafio ético do Olhar do Outro, em originariedade irreduzível, e a tentativa de corresponder a esse desafio de maneira justa* (SOUZA, 1999, p. 142, grifo do autor).

Esta nova verdade – porque não se trata de pensar a noção de verdade a partir da perspectiva teórica –, se deve ao que Lévinas chama assimetria entre o Mesmo e o Outrem e à impossibilidade de categorização do Outro pelo Mesmo haja vista que ele propõe a relação a partir da *ideia de Infinito*, inadequação por excelência. E não há o que desvelar porque Outrem está nu na expressão do seu rosto restando, então, a justiça, que é *acolhimento de frente no discurso*. É preciso considerar, também, que a verdade se diz a alguém, o interlocutor – neste sentido, é um *dizer a...*, pois *não há senão discursos de homens entre si* ou como nos diz Lévinas: *“Para procurar a verdade, já mantive uma relação com um rosto que pode garantir-se a si próprio, cuja epifania também é, de algum modo, uma palavra de honra. Toda a linguagem, como troca de signos verbais, se refere já à palavra de honra original”* (LÉVINAS, 1980, p. 181). A palavra de honra é um juramento (juro dizer a verdade), um compromisso, é uma responsabilidade para com o Outro e esta responsabilidade não é da ordem teórica. O dizer ou o enunciar não implica, necessariamente, um que fala (e escuta) e outro que escuta (e fala)? E será que todo enunciado é redutível ao modo predicativo? Um isto enquanto aquilo, ou isto como aquilo? Estas são questões que nos parecem importantes e que se relacionam diretamente com a questão *da verdade necessita de justiça*.

O que podemos verificar, fazendo a leitura da obra *Totalidade e Infinito*, é que Lévinas trata de uma relação que não pode ser classificada como do tipo sujeito/objeto, que caracteriza, por exemplo, a relação de conhecimento. O que Lévinas caracteriza como princípio, como o ponto a partir do qual se inaugura a filosofia *“é a manifestação de outrem como outro, “a epifania do rosto” como ele diz, o surgimento aí e somente aí desse que não é nunca objeto e, por aí mesmo, inaugura um desaranjo incontrolável. Falar de ética, é deixar advir esta ruptura que é o começo”* (PETITDEMANGE, 1993, p. 334-335). A ética, então, é o começo; a preservação do particular por e para outrem.

ROSTO E VESTÍGIO

Lévinas utiliza algumas imagens quando quer falar do rosto. Uma das imagens utilizadas por ele é a da caça. O caçador procura sua presa pelas marcas (vestígios) deixadas pela caça. A caça não está ali, esteve ali. Já não está mais. Aquela marca já é um passado, marca de um passado que não foi presente para mim. O rosto nunca se dá numa presença. Nesse sentido, ele não é *fenômeno*. Lévinas reserva a palavra *enigma* para descrevê-lo. E essa é a sua verdade: “*Essa porta simultaneamente aberta e fechada é a extraordinária duplicidade do Enigma*” (LÉVINAS, s/d, p. 259); porta aberta que pode significar ensino, o Mestre; porta fechada que designa o inabarcável, não-englobável e nesse sentido resistência ética e que indica “*posição do próprio do sujeito, do único (...); o rosto como ser-aí concreto do único*”. O único que não pode ser capturado porque já está ausente. Nesse sentido, o rosto jamais entra no registro do ser, sempre fugidivo, não se deixa apreender em um presente. O rosto é uma presença ausente ou uma ausência presente, outro *modo que ser*:

O modo como o Outro se apresenta, ultrapassando *a ideia do Outro em mim*, chamamo-lo, de fato, rosto. Esta *maneira* não consiste em figurar como tema sob o meu olhar, em expor-se como um conjunto de qualidades que formam uma imagem. O rosto de Outrem destrói em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me deixa, a ideia à minha medida e à medida do seu *ideatum*- a ideia adequada. Não se manifesta por essas qualidades, mas καθ'αυτό. *Exprime-se*. O rosto, contra a ontologia contemporânea, traz uma noção de verdade que não é o desvelamento de um Neutro impessoal, mas uma *expressão*: o ente atravessa todos os invólucros e generalidades do ser, para expor na sua “*forma a totalidade do seu “conteúdo”, para eliminar, no fim de contas, a distinção de forma e conteúdo (...)*. A condição da verdade e do erro teórico é a palavra do Outro – a sua expressão – que qualquer mensagem já supõe” (LÉVINAS, 1980, p. 37-38, grifos do autor).

Assim, é o rosto de Outrem que me conduz além (e é nesse sentido que ele é *metafísico* - grifo nosso), não é tematizável. Não se trata de uma fenomenologia do rosto humano; o rosto no sentido levinasiano não é descritível (encontramos aqui o limite da fenomenologia husserliana, particularmente do conceito de intencionalidade que era tão cara para Lévinas?). É o rosto que me revela e que provoca em mim o começo da filosofia, a ética. Não é que o rosto paralisa meus poderes [constituintes], mas “*paralisa o próprio poder de poder (...)*. Na *contextura do mundo, ele não é quase nada. Mas pode opor-me uma luta, isto é, opor a força que o ataca, não uma força de resistência, mas própria*

imprevisibilidade da sua reação” (LÉVINAS, 1980, p. 177). Quando Lévinas nos diz que a primeira palavra do rosto é “*não matará*”, ele abre aqui uma multiplicidade de interpretações (sentido).

A primeira nos é oferecida por Lévinas, de modo enfático, e significa: tu farás tudo para que ele (Outrem) viva. Amar o Outro é se abrir a dimensão da bondade, ou a ideia do Bem, que nos remete à ideia do Infinito, pois, o Bem é infinito e é *Desejo (Desir)*: “*O Desejo não pertence à atividade, mas constitui a intencionalidade do afectivo*” (LÉVINAS, s/d, p. 249, nota 175); a relação com o rosto não se descreve em termos de intencionalidade (teoria), mas como movimento em direção ao Outro, ao Outro modo, Desejo do Outro e por isso mesmo Desejo metafísico – “a metafísica surge e mantém-se neste álbi” –: “o Desejável do Desejo é infinito” exterioridade radical (LÉVINAS, s/d, p. 262) – “*O Desejo do Outro é a negação da violência inerente à Razão, ao discurso racional, ao movimento do Mesmo e da Ontologia*” (FABRI, 2001, p. 252); violência que consiste em reduzir o Outro à identidade do Mesmo, ao Mesmo. O rosto do Outro, como verdade ética, é um não saber e resiste a toda tentação de saber:

Por trás da postura que ele toma – ou suporta – em seu aparecer, ele me chama e me ordena do fundo de sua nudez sem defesa, de sua miséria, de sua mortalidade. É na relação pessoal, do eu ao outro que o “acontecimento ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima do ser” (LÉVINAS, 2009, p. 269).

A relação com o rosto não é da ordem da intencionalidade, mas da proximidade; ela se distingue pelo seu caráter não sincrônico e, portanto assimétrico. Os termos em relação, Eu e o Outro, não pertencem ao mesmo tempo, à simultaneidade da representação. A relação de proximidade é a ruptura com a sincronia e não faz parte de um sistema de puras relações “*porque o Outro vem ao Mesmo. A aproximação do Outro não se traduz na tematização, ela permanece dia-cronia pelo fato mesmo que o Outro tem um rosto. É o que Lévinas chama a não fenomenalidade do rosto, ou o vestígio (la trace)*” (VASEY, 1980, p. 232, grifo do autor).

O pensamento constitui o que ele pensa o pensado – relação de dominação; a experiência ética, o frente a frente, nos coloca diante de uma realidade que o pensamento jamais poderá constituir: quando a consciência intencional encontra Outrem, ela se desmonta; fracasso da consciência constituinte; o rosto de Outrem, que não se apresenta à consciência, “*extériorité totale et irréductible*” (HERNÁNDEZ, 2009, p. 24), se recusa a

ordem do ser, chamada por tal motivo metafísica, “o respeito dessa exterioridade metafísica que é preciso, acima de tudo, ‘deixar ser’ – constitui a verdade” (LÉVINAS, 1980, p. 16); a objetividade esbarra, então, na irreducibilidade do Outro e seu apelo por justiça – acolhimento de frente. Com efeito, não é pelo conhecimento, mas a relação “*dês-inter-essée*” com outrem que permite – pela tomada de consciência de minha responsabilidade para com ele – “*interromper o murmúrio anônimo e insensato do ser*” (LÉVINAS, 1997, p. 25).

A relação de dominação frente a outrem dá lugar a uma relação ética – substituição do ser pelo Outro –, onde o sujeito vai se colocar a serviço do outro – substituição da ontologia pela ética. Outrem não é, na relação ao Eu, um *alter ego*: o encontro com outrem revela o que ele tem de único e de inapreensível e abre, pois, a uma radical exterioridade – alteridade – que irá despertar o sujeito do seu egoísmo. O despertar ético é um acontecimento provocado pela expressão do rosto de Outrem, na expressão da sua vulnerabilidade, sofrimento e miséria dos meninos e meninas de rua, dos idosos abandonados e este despertar requer ir ao mundo (às coisas mesmas) para escutá-lo – “o rosto fala” –, para ter a noção do que é real e importante. Para Lévinas o rosto não é da ordem empírica porque já é linguagem e como tal é da ordem do discurso, do significado e por isso podemos dizer que o rosto é a expressão da metafísica de Lévinas porque nos remete ao transcendente, ao além que eu não posso poder: “o rosto não é do mundo”. Para Lévinas a humanidade inteira está ali naquele rosto que me envia um apelo, porém “*Não na humanidade anônima, mas na humanidade visada naquele (ou naquela) que – quando o seu rosto resplandece – é precisamente aquele ou aquela que esperávamos*”. (LÉVINAS, s/d, p. 258).

A filosofia de Lévinas tem como propósito central pensar o Outro e a relação ética pela simples razão de que não há ética quando se considera só um indivíduo e porque o acesso a Outrem só se dá pela ética já que esta respeita a sua alteridade – a deixa ser –, escuta seu apelo e não lhe toma seus lábios emprestados; e é neste sentido que Lévinas tanto critica a filosofia ocidental como ontologia, pois esta não respeita a alteridade; a ética pressupõe a ideia de relação, pois, “a ética é uma relação primordial”. É necessário, então, considerar esse Outro da relação ética.

ROSTO E INFINITO

a) Rosto, diacronia e verdade.

É a partir da *ideia de Infinito* que acedemos à noção levinasiana de *transcendência* (*transcendence*), noção que Lévinas toma, segundo suas palavras, de Jean Wahl (LÉVINAS, 1980, p. 23), e que também atingimos a sua filosofia como metafísica ou ética, pois a transcendência é um movimento em direção ao outro, ao infinito; ela designa “*uma altura e uma nobreza, uma transcendência*” (LÉVINAS, 1980, p. 29). Neste sentido, é muito sugestivo seu livro *Dieu, la mort et le temps*, pois trata-se de abordar realidades que escapam a imanência da totalidade, que estão *além* da totalidade, pois o que me vem à ideia não parte de mim, me vem de fora, é transcendente:

O infinito me vem à ideia na significância do rosto. O rosto *significa* o Infinito. Este não aparece como tema, mas nessa significação ética mesma: isto é, no fato de que mais eu sou justo, mais eu sou responsável. Há um infinito na exigência ética por ela ser insaciável. Ela é exigência de santidade. Ninguém pode dizer em momento algum: cumpri todo o meu dever. Exceto o hipócrita” (LÉVINAS, 1982, p. 97, grifo do autor).

Poderíamos, quem sabe, afirmar que a noção de rosto, por seu caráter central na obra *Totalidade e infinito*, reúne em si as ideias de Deus, tempo e morte. Isto porque Lévinas descreve o rosto como *vestígio* de Deus, como temporalidade diacrônica e que, como tal, descreve uma nova verdade – “*verdade dia-crônica – dia-cronia da verdade sem síntese possível (...) ‘desordem’ que não é outra ordem, lá onde os elementos não podem fazer-se contemporâneos, por exemplo, na maneira (mas será isso um exemplo ou a exceção?) pela qual Deus escapa à presença da re-presentação*” (LÉVINAS, 2008, p. 103, nota 17) – vale dizer, como passividade e envelhecimento, me vem, trata-se, pois, de acontecimento do qual não sou o mestre.

Se tomarmos a sério as análises apresentadas acima (rosto e fenômeno e rosto e enigma) podemos dizer que há toda uma teoria do tempo nas análises que Lévinas realiza acerca da noção de rosto. Isto porque o rosto se dá como uma *passividade*, termo ambíguo no nosso autor, embora possamos identificar um eidos como *já ido, passado*, como passagem ou *vestígio*; não é um objeto intencional, pois ele é expressão da *transcendência* que quebra a totalidade e instaura uma nova ordem, a ética ou metafísica. Sua alteridade é precisamente o que escapa à intencionalidade da consciência e lhe impõe um limite; a

alteridade não faz parte da ordem dos objetos, eu não posso fazê-la minha. O outro é e permanece um mistério, como o que me escapa sempre, eu não posso tomá-lo tal como um objeto. Nesse sentido o rosto é *ausência* que nunca está presente já que a presença é o registro do ser. O estatuto do rosto não é ontológico, trata-se de *outramente que ser*, ou ética; para Lévinas a teoria é incapaz de respeitar o outro em sua alteridade, pois: “*teoria significa também inteligência – logos do ser–, ou seja, uma maneira tal de abordar o ser conhecido que a sua alteridade em relação ao ser cognoscente se desvanece*” (LÉVINAS, 1980, p. 29-30, grifo do autor).

É a partir da noção de alteridade que Lévinas procura mostrar que certas realidades resistem à categorização, ao conceito. A alteridade como temporalidade passiva, como exposição – *exposição*, ênfase da posição –, que me passa e me afeta como *envelhecimento* e que tem no rosto do outro homem o seu lugar é também a infinitude do infinito. Todas as considerações de Lévinas à *ideia do infinito*, nos diversos contextos em que esta noção aparece, dizem respeito ao inabarcável e em especial na obra *Totalidade e infinito* diz respeito ao rosto; a alteridade do rosto escapa a toda tematização e é o que a *ideia do infinito* em nós vem contestar. Alteridade como temporalidade já diferente do tempo da consciência que é consciência do tempo. Alteridade: temporalidade passiva mais passiva do que toda passividade; mais passiva do que a receptividade; alteridade como um continuum temporal em que o que prevalece é a diferença: temporalidade como diferença. Alteridade como temporalidade da diferença, ao contrário da identidade que é temporalidade do idêntico, do Mesmo, do Eu. Tal noção de alteridade só é possível em uma relação onde o Outro é Outro a partir de si mesmo (καθ' αὐτό) para um termo cuja essência é permanecer o Mesmo. Esse termo cuja essência é permanecer o Mesmo, Lévinas chama *Eu (Moi)*. Para que a relação se constitua enquanto tal é preciso que os termos estejam separados, isto é, não formem totalidade.

ROSTO E ÉTICA

Emmanuel Lévinas, seguindo a máxima fenomenológica segundo a qual é preciso *voltar às coisas mesmas* descreve uma situação irreduzível; que não pode ser posta entre parênteses e que não remete a uma situação que seria seu fundamento. Trata-se de uma relação original, fundante da filosofia, do pensamento, da linguagem e do sentido; Lévinas a chama ética. A ética, enquanto relação entre existentes – metafísica – e não do existente

enquanto ontologia – e é mais antiga do que a própria ontologia; sendo a condição mesma da ontologia, enquanto compreensão do verbo ser que é um acontecimento que pressupõe a relação social entendida como ensino e justiça. A apropriação da linguagem é um processo social; e Lévinas entende a relação Eu-Outro; sem outrem não tem ética, pois, se dá na relação e sem outrem não tem nem mesmo o ser. A relação ética não tem objeto e por isso é *metafísica*; o Outro não vem funcionar como objeto intencional que preenche uma intenção. A correlação noese-noema, que é a estrutura básica da intencionalidade teórica, é uma régua comum entre o pensamento e o pensado. Porém, o Outro com o qual mantenho relações ultrapassa toda medida e escala comum entre eu e ele. Por outro lado, o mesmo e o outro estão separados, pois, são absolutos, isto é, podem se desligar da relação. Se o mesmo e o outro não estivessem separados eles seriam o mesmo e não haveria alteridade:

Uma dessemelhança está operando e ela é constitutiva. Não há sujeito sem o outro, e um e o outro nascem um uma comum defecção (...). Haveria assim, primeiro, uma socialidade, fundadora, originante. Esta socialidade não é justaposição. Ela é, ao contrário, tensão, disjunção, orientação” (PETITDEMANGE, 1993, p. 337).

Esta dessemelhança, esta diferença é o que Lévinas chama *assimetria* e que faz com que seja impossível uma sincronização do Outro no Mesmo; esta assimetria indica a impossibilidade radical de “*falar no mesmo sentido de si e dos outros; por consequência, também a impossibilidade da totalização.*” (LÉVINAS, 1980, p. 41); assimetria que torna possível a separação, condição da relação.

CONCLUSÃO

O rosto ou o Outro acorda a razão teórica, a consciência constituinte, exigindo outra atitude: não mais de posse e sim de acolhimento; não mais de desvelamento e sim justiça; não mais doação de sentido e sim recepção de sentido, sentido ético vindo do Outro homem e que depõe a consciência constituinte dos seus poderes posicionais (téticos) frente ao infinito do Outro. Portanto, como diz Lévinas, “*não sou eu que me recuso ao sistema (...), é o Outro*” (LÉVINAS, 1980, p. 28), isto é, não é por uma deficiência do Eu que o Outro escapa aos poderes objetivantes do Mesmo e sim pelo infinito do Outro. A relação entre o Mesmo e o Outro – onde intervém, mais uma vez a *ideia do Infinito* –, dada a distância infinita que os separa, só pode ser pensada como relação ética, pois, Outrem

jamais se deixa abarcar no sistema do Mesmo, ou, na mesmidade do Mesmo, na sincronização.

Assim, é a verdade do Outro enquanto passagem-passado, vestígio expresso no seu rosto e que exige acolhimento e não se deixa abarcar o que se constitui na verdade ética e do rosto e que nos esforçamos para mostrar aqui neste artigo. Verdade ética que permite paz com o Outro; verdade ética que tem por escopo interromper a absorção da alteridade na identidade do Mesmo, interromper a guerra, a totalidade, a totalização. A noção de verdade em nosso autor, isto é, a verdade como acolhimento de Outrem expressa o que nos pareceu indicar Souza quando cita Horkheimer e Adorno de que só há uma expressão para a verdade: o pensamento que nega a injustiça; vale dizer, um pensamento que não nega a fome, a miséria, a vulnerabilidade como verdade do Outro; verdade esta que a analítica da existência enquanto desvelamento não permite reconhecer, pois, nivela o Outro e o Mesmo onde o Outro e o Mesmo são o Mesmo, formam totalidade, formam unidade, sistema e a unicidade do único se desvanece.

Assim, o ponto de partida é a sobrevivência do homem e o fim do genocídio devido ao reinado da violência – redução do Outro ao Mesmo – onde o *cada um* se converte em *um*, inteligência do único; saber do único que, incapaz de conviver com a multiplicidade, faz-lhe violência ao não reconhecer sua unicidade. A filosofia ocidental que converte a realidade em saber desta realidade perde de vista a unicidade do único, perde de vista a diversidade de rostos, perde de vista o ensinamento que cada um trás na sua expressão. Além de egológica a filosofia ocidental se converte em monológica, pois, o Outro é absorvido no discurso do Mesmo – o Outro não fala, empresta seus lábios ao Mesmo. É o que Lévinas chama de violência, guerra, alergia ao Outro. Porém, o Outro me chama e o seu chamado é já injunção – impossibilidade de desviar –, apelo por acolhimento; traumatismo que arranca o Eu do seu ser si, do seu gozo do mundo convertendo-o em responsável pelo Outro. Para Lévinas, o rosto intervém no real de um modo absolutamente diferente: trata-se de um modo que não se descreve pela ontologia, pois o rosto não é fenômeno. Ao contrário, trata-se de um *outramente que ser*, ou bondade, acolhimento – a substituição do ser pelo Outro.

REFERÊNCIAS

HERNÁNDEZ, Francisco Xavier Sánches. **Vérité et justice dans la philosophie de Emmanuel Lévinas**. Paris: L'Harmattan, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Tradução: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **Entre nós**. Ensaio sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Pivatto et al. (Coord.). 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **De Deus que vem à ideia**. Pergentino Stefano Pivatto (Coord. e revisor). Tradução: Marcelo Fabri, Marcelo Luiz Pelizzoli, Evaldo Antônio Kuiava. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Entrevista com Emmanuel Levinas. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 9-38, 1997. Responsáveis pela edição: Ines Loureiro e Martha Gambini; Supervisão: Prof. Luís Cláudio Figueiredo. Tradução: Célia Gambini. Revisão da tradução: Martha Gambini.

_____. **La teoria fenomenológica de la intuición**. Tradução: Tania Checchi. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.

_____. **Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger**. Tradução: Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

_____. **Ética e infinito**. Tradução: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. RICŒUR, Paul. **Giustizia, amore e responsabilità**: Um dialogo tra Emmanuel Levinas e Paul Ricœur. In: *Emmanuel Levinas philosophe et pédagogue*. Édition Du Nadir de l'Alliance Israélite Universelle, Paris, 1998, p.13-28.

FABRI, M. **Linguagem e desmistificação em Levinas**. Síntese, Belo Horizonte, v. 28, n 91, p. 245-266, 2001.

PETITDEMANGE, Guy. **Emmanuel Lévinas et la politique**. Actes du colloque de Cerisy-la-Salle; 23 août- 2 septembre 1986. Paris, Les Éditions du Cerf, 1993, p.327-354.

SOUZA, R. T. de. **Razões plurais**. Itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

_____. **Sujeito, ética e história**. Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

VASEY, Craig R. Le problem de l'intentionnalité dans la philosophie de Emmanuel Levinas. **Revue de Métaphysique et de Morale**, n. 85, p.224-239, avr./juin 1980.